

# CHECK

Ciências & Novidades

ano 7 • nº 41 • 2006

# UP ALTANA

*Especial Influências Culturais*



**Relógio de pescador**

Localização dos países em tempo real

**Teclado de pano**

**Geladeira dos Jetsons**

baa u muito mais nas Novidades desta edição

imigrantes é falar sobre nossa própria raiz cultural. “O que chamamos de cultura brasileira é, sobretudo, influência da cultura portuguesa”, afirma ela, que destaca, além da língua, mais dois legados principais: a miscigenação com uma intensidade que não existe em nenhum outro lugar do mundo, e a unidade política. “Ao contrário da América espanhola, que se esfacelou em pequenos países, o Brasil manteve sua dimensão continental”, diz ela. A historiadora diz que uma das primeiras contribuições portuguesas deu-se nas construções. As técnicas de construção da taipa-de-pilão, que utiliza barro e madeira, e da parede de pau-a-pique foram introduzidas pelos portugueses. Segundo Sônia, outra característica desse período anterior à vinda da Família Real é o uso do estilo barroco português, especialmente nas fachadas de igrejas. “Uma outra influência muito importante foi na culinária”, diz Sônia, que explica que os brasileiros incorporaram os hábitos alimentares portugueses, mas com adaptações. “Gostamos muito de doces, por exemplo, e essa é uma herança portuguesa. Mas adaptamos as receitas com produtos brasileiros, como frutas nacionais”, afirma ela. Mais um traço típico brasileiro interessante ligado à alimentação e de origem portuguesa é o hábito de se fazer uma grande quantidade de comi-

da e de sempre se dividir as refeições com visitantes inesperados. Em outras culturas europeias, esse compartilhamento quase não existe. “É o ‘chega mais um, chegam mais dois’”, brinca ela. “Em Minas Gerais, que é um dos Estados em que houve pouca imigração de outros povos, isso é bem forte”, explica.

### A PRINCIPAL DIFERENÇA FOI A LIBERDADE

*O Dr. Antonio Monteiro da Silva Chibante, presidente da Sociedade de Pneumologia e Tisiologia do Estado do Rio de Janeiro, nasceu no Porto, em Portugal, e chegou ao Brasil com 12 anos. Segundo ele, a principal diferença que percebeu foi a liberdade. “Portugal estava no pós-guerra. O país não entrou no conflito, mas ajudou a alimentar os exércitos dos dois lados. Além disso, estávamos sob uma ditadura, o salazarismo. Para a garotada, havia muitos problemas, pois a educação era muito policiada pelos próprios pais.” Ele afirma que, ao chegar ao Brasil, gostou imensamente do clima mais descontraído. “Todo mundo se falava, e havia o calor, que te deixava à vontade. Eu usava calção, ao invés de ficar vestido até o pescoço. Sala de colégio e ia jogar futebol na praia, ao contrário da Europa, onde a ida à praia era programada com uma semana de antecedência.” Ele diz também que teve a oportunidade de ver o primeiro biquíni do Brasil. “Foi usado por uma francesa em Copacabana, em frente ao Hotel Miramar, e eu estava lá!”, comenta.*



Divulgação: Paróquia Nossa Senhora de Achiropita



Festa Nossa Senhora de Achiropita (SP)

## Italianos

A farta oferta de trabalho nas lavouras brasileiras de café, assim como nas estradas de ferro e posteriormente nas indústrias paulistas, e a promessa de um futuro melhor atraíram um enorme contingente de italianos para o Brasil (de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, entre 1876 e 1920 chegaram 1.243.633 imigrantes). “Eles vieram de toda a Itália, mas sobretudo do norte (Veneto, Piemonte e Lombardia), do Tirol Italiano (atual província Trentino, que na época pertencia à Áustria), assim como do sul, das regiões da Campânia,

Basilicata, Sicília e Calábria”, explica Alessandro Dell’Aira, diretor de Ensino do Consulado Geral da Itália no Brasil.

Como a maioria dos imigrantes, os italianos entravam através dos portos do Rio de Janeiro e de Santos. No Rio, ficavam na Hospedaria Ilha das Flores, e os que desciam dos navios em Santos iam de trem até São Paulo onde se encaminhavam para a Hospedaria dos Imigrantes, que atualmente abriga o Memorial do Imigrante. O Rio Grande do Sul aproveitou as novas leis de imigração de 1875 e acolheu muitos italianos, apesar de que desde 1871 já havia colonos desta nacionalidade nas cidades de Garibaldi e Bento Gonçalves.

Atualmente é comum encontrar descendentes de italianos, principalmente, no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Espírito Santo e em São Paulo. “Em São Paulo é curioso observar bairros como o Brás, Bixiga, Bom Retiro, Moóca, Canindé e Santana, em que os italianos formaram as suas ‘colônias’ e onde muitos descendentes se mantêm até hoje”, comenta Dell’Aira. Estima-se que 25 milhões de italianos e descendentes vivam no Brasil atualmente.

Não é de se espantar a grande influência cultural e religiosa que eles imprimem em nosso cotidiano. *Pizza, spaghetti, polenta, focaccia*, vinho, sorvete (*gelato*), *gnocchi*, são apenas alguns dos inúmeros exemplos da apetitosa culinária italiana, sempre servida em generosas porções, típicas das queridas *mamas e nonas!*

E quem é que nunca foi a uma ou ouviu falar das famosas festas religiosas como a de Nossa Senhora de Achiropita (comemorada pelos italianos da Calábria), de San Gennaro (Campânia) ou de San Vito (Puglia)? “Além disso”, acrescenta o diretor, “pelo menos 300 palavras do vocabulário do brasileiro derivam do italiano, tais como ‘tchau’, ‘carcamano’, ‘fiasco’, ‘cantina’, ‘concerto’, ‘poltrona’ etc.”.

Outro destaque merecido vai para os artistas italianos que deixaram suas marcas no Brasil, como os pintores Victor Brecheret, Cândido Portinari e Alfredo Volpi. A cidade de São Paulo é agraciada com edifícios projetados por famosos italianos,

como o Museu de Arte de São Paulo (Masp), de Lina Bo Bardi.

Outra curiosidade que Dell’Aira destaca é referente ao viaduto Santa Ifigênia, projetado pelos italianos Giulio Micheli e Giuseppe Chiappori: “Ele é uma das obras mais interessantes de São Paulo. Além disso, foi cantado em samba por Adoniran Barbosa, filho de colonos italianos de Valinhos (SP) e cujo verdadeiro nome era João Rubinato”.

No Rio de Janeiro existe o Hospital Italiano, fundado por imigrantes e descendentes em 1954 e que continua prestando atendimento até hoje.

### MEU AVÔ TEVE QUE DESTRUIR TUDO O QUE OS IDENTIFICASSE COMO ITALIANOS

*Diferentemente dos médicos que relataram memórias de comidas, festas ou canções, o Dr. Flávio Quilici, gastroenterologista e professor titular de Gastroenterologia da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp), contou uma história um pouco diferente em relação à sua ascendência italiana.*

*“Meus avós eram italianos e vieram morar no Brasil. Eles adoravam o Mussolini, tinham fotos, frequentavam a comunidade. Mas com a 2ª Guerra, quando Getúlio apoiou os aliados, meu avô teve que destruir tudo o que os identificasse como italianos, por medo da repressão.”*

*E assim fez o Sr. Giovanni Quilici, começando pelo nome, que foi alterado para “João” Quilici. O segundo passo foi uma fogueira no fundo do quintal para queimar fotos (inclusive as do Mussolini), documentos, passaportes e tudo o que pudesse acusar a nacionalidade da família. “Desde então eles passaram a viver como brasileiros e os oito filhos, inclusive meu pai, foram proibidos de falar italiano. A cultura e as raízes ficaram abandonadas”, lembra o médico.*

*Mas conforme crescia e ouvia as histórias da infância do pai, o Dr. Quilici nutria um desejo de recuperar parte desse passado tão rico. E assim o fez. Ele foi a Lucca (Itália), encontrou os documentos do avô e não só ele como seus irmãos e seus três filhos conseguiram a cidadania italiana: “Sempre que possível, eu e minha esposa vamos à Itália”.*

*Além de adorar pizza e uma bela macarronada (da mama, preparada por sua mulher!), o médico traz, consigo, em seus genes italianos, o amor pela família e carrega a gostosa lembrança da harmonia entre seus pais e irmãos, que como todos os bons italianos, trocavam muitos beijos e abraços!*

### PALESTRA ITÁLIA

*Um grupo de imigrantes italianos, empolgado com a visita à cidade de São Paulo do Torino e do Pro Vercelli, duas grandes equipes italianas da época, decidiu fundar em 1914 o clube Palmeiras com o nome de Società Esportiva Palestra Itália.*